



Questões

1. Qual a importância de se conhecer a história da Psicologia?
2. Quais as condições econômicas e sociais da Grécia Antiga que propiciaram o início da reflexão sobre o homem?
3. Quais as contribuições fundamentais para a Psicologia apontadas nos textos de Sócrates, Platão e Aristóteles?
4. Com a hegemonia da Igreja, na Idade Média, qual a contribuição de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino para o conhecimento em Psicologia?
5. Em qual período histórico situa-se a contribuição de Descartes para a Psicologia? Qual é essa contribuição?
6. Quais as contribuições da Fisiologia e da Neurofisiologia para a Psicologia?
7. Qual o papel de Wundt na história da Psicologia?
8. Quais os critérios que a Psicologia deveria satisfazer para adquirir o *status* de ciência?
9. O que caracteriza o Funcionalismo, o Associacionismo e o Estruturalismo?
10. Quais as principais teorias em Psicologia, no século XX?

Questões para debate em grupo

1. Quais as diferenças entre a Psicologia como um ramo da Filosofia e a Psicologia científica?
2. Como a produção do conhecimento está relacionada com as condições materiais do momento histórico em que ela se dá? Exemplifique.



BIBLIOGRAFIA INDICADA

A história da Psicologia é um tema que não apresenta obras adequadas aos alunos de 2º grau. Mesmo os livros introdutórios, como os de Fred S. Keller, *A definição da Psicologia* (São Paulo, Herder, 1972), e de Anatol Rosenfeld, *O pensamento psicológico* (São Paulo, Perspectiva, 1984), destinam-se a leitores que tenham um mínimo de familiaridade com as questões da Psicologia. O primeiro trata da Psicologia a partir de sua fase científica, até o Behaviorismo e a Gestalt, excluindo a Psicanálise. O segundo é mais denso e percorre os caminhos da Psicologia desde os filósofos pré-socráticos até a fase científica.

Uma bibliografia mais avançada é composta pelos livros de Antônio Gomes Penna, *Introdução à história da Psicologia contemporânea* (Rio de Janeiro, Zahar, 1980), e de Fernand Lucien Mueller, *História da Psicologia* (São Paulo, Nacional, 1978).

CAPÍTULO 3

O BEHAVIORISMO

→ outras denominações:
Comportamentalismo
teoria comportamental
análise experimental do comportamento

O ESTUDO DO COMPORTAMENTO

O termo behaviorismo foi inaugurado pelo americano John B. Watson, em um artigo de 1913 que apresentava o título *Psicologia como os behavioristas a vêem*. O termo inglês *behavior* significa **comportamento**, daí se denominar esta tendência teórica de behaviorismo. Mas, também, utilizamos outros nomes para designá-la, como **comportamentalismo**, **teoria comportamental**, **análise experimental do comportamento**.

Watson, postulando o **comportamento** como objeto da Psicologia, dava a esta ciência a consistência que os psicólogos da época vinham buscando. Um **objeto observável, mensurável**, que podia ser **reproduzido** em diferentes condições e em diferentes sujeitos. Essas características eram importantes para que a Psicologia alcançasse o *status* de ciência, rompendo definitivamente com a sua tradição filosófica.

Watson dava a esta ciência a consistência que os psicólogos da época vinham buscando.

É importante esclarecer que o Behaviorismo, apesar de colocar o comportamento como o objeto da Psicologia, considera que "só quando se começa a relacionar os aspectos do comportamento com os do meio é que há a possibilidade de existir uma psicologia científica"¹.

Portanto o Behaviorismo dedicou-se ao estudo do **comportamento**, na **relação que este mantém com o meio ambiente onde ocorre**. Mas, como comportamento e meio são termos amplos demais para serem úteis para uma análise descritiva nesta ciência, os psicólogos desta tendência chegaram aos conceitos de **estímulo e resposta (teoria S-R)**: abreviatura dos termos latinos *Stimulus* e *Responsio*.

Estímulo e resposta são, portanto, as unidades básicas da descrição e o ponto de partida para uma ciência do comportamento.

1. F. S. Keller e W. N. Schoenfeld. *Princípios de Psicologia: um texto sistemático na ciência do comportamento*. p. 17

O homem começa a ser estudado como produto do processo de aprendizagem pelo qual passa desde a infância, ou seja, como produto das associações estabelecidas durante sua vida entre estímulos (do meio) e respostas (manifestações comportamentais).

A ANÁLISE EXPERIMENTAL DO COMPORTAMENTO

O mais importante dos behavioristas que sucedem Watson é B. F. Skinner (1904-1990).



B. F. Skinner, psicólogo americano, responsável pelo avanço da análise experimental do comportamento

O Behaviorismo de Skinner, conhecido como **análise experimental do comportamento**, tem influenciado muitos psicólogos americanos e de vários países onde a psicologia americana tem grande penetração, como o próprio Brasil.

A base da corrente skinneriana está na formulação do **condicionamento operante**. Para desenvolver este conceito, retrocederemos um pouco na história do Behaviorismo, introduzindo as noções de **comportamento reflexo** e **condicionamento**

respondente, para então chegar ao condicionamento operante. Vamos lá.

O CONDICIONAMENTO RESPONDENTE

O **comportamento reflexo** é o comportamento **não voluntário** e inclui as respostas que são **eliciadas** ("produzidas") por **modificações especiais de estímulos do ambiente**. Por exemplo, a **contração das pupilas** quando uma luz forte incide sobre os olhos, a **salivação** quando uma gota de limão é colocada na ponta de nossa língua, o **arrepio da pele** quando um ar frio nos atinge, as famosas "**lágrimas de cebola**" etc.

Como já dissemos, esses comportamentos reflexos são involuntários e eliciados pelos estímulos especiais do meio. Mas também podem ser provocados por outros estímulos, que, originalmente, nada têm a ver com o comportamento, graças à **associação** entre estímulos.

Assim, se um **estímulo neutro** (aquele que originalmente nada tem a ver com o comportamento) **for pareado** (associado), um certo número de vezes, a um **estímulo eliciador** (aquele que elicia o comportamento), o estímulo previamente neutro irá **evocar a mesma espécie de resposta**. Para deixar isso mais claro, vamos a um exemplo: "Suponha que, numa sala aquecida, sua mão direita seja mergulhada numa vasilha de água gelada. Imediatamente a temperatura da mão abaixar-se-á, devido ao **encolhimento** ou **constricção** dos vasos sanguíneos. Isto é um exemplo de **comportamento respondente**. Será acompanhado de uma modificação semelhante, e mais facilmente mensurável, na mão esquerda, onde a **constricção vascular** também será induzida. Suponha agora que a sua mão direita seja mergulhada na água gelada um certo número de vezes, digamos em intervalos de três ou quatro minutos; e, além disso, que você ouça uma **cigarra elétrica** pouco antes de cada imersão. Lá pelo vigésimo pareamento do som da cigarra com a água fria, a mudança de temperatura poderá ser eliciada **apenas pelo som** — isto é, sem necessidade de molhar uma das mãos"².

Neste exemplo de **condicionamento respondente**, o **rebaixamento da temperatura da mão eliciado pela água fria** é uma **resposta incondicionada** (não foi condicionada), enquanto o **rebaixamento da temperatura eliciado pelo som** é uma **resposta condicionada** (aprendida); a água é um estímulo incondicionado, e o som, um estímulo condicionado.

Skinner concentrou seus estudos na possibilidade de **condicionar os comportamentos operantes**.

O CONDICIONAMENTO OPERANTE

O **comportamento operante** é o comportamento **voluntário** e abrange uma quantidade muito maior da atividade humana — desde os comportamentos do bebê de **balbuciar**, **agarrar objetos**, **olhar os enfeites do berço**, até os comportamentos mais sofisticados que o **adulto** apresenta. Como nos diz Keller, o comportamento operante "inclui todos os movimentos de um

... podem ser provocados por outros estímulos, que, originalmente, nada tem a ver com o comportamento, graças à associação entre estímulos.

O
comportamento
operante
opera sobre o
mundo.

organismo dos quais se possa dizer que, em algum momento, **têm um efeito sobre ou fazem algo ao mundo** em redor. O comportamento operante opera sobre o mundo, por assim dizer, quer direta, quer indiretamente”³.

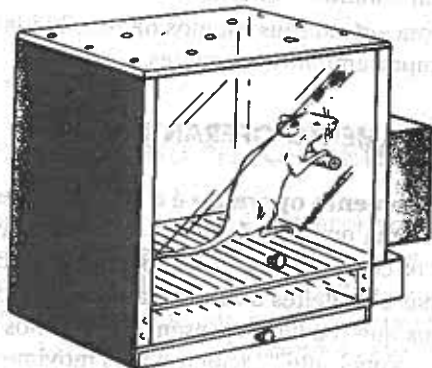
A leitura que você está fazendo deste livro; escrever; pedir para o táxi parar com um gesto de mão; pilotar um avião, fazê-lo explodir; tocar um instrumento; namorar, são todos exemplos de comportamento operante.

O condicionamento do comportamento operante tem seus fundamentos na Lei do Efeito, de Thorndike (veja capítulo 2 — Associacionismo). Segundo Keller, em essência, essa lei enuncia que “um ato pode ser alterado na sua força pelas suas consequências”.

Assim, se deixarmos um ratinho privado de água durante 24 horas, ele certamente apresentará o comportamento de beber água assim que tiver oportunidade. Ora, o ratinho, no seu hábitat, quando quer beber água, emite algum comportamento que lhe permite realizar seu intento. Esse comportamento foi sem dúvida aprendido e mantido pelo efeito que proporcionou: matar a sede.

Sabendo disso, podemos reproduzir essa situação num laboratório. Neste caso, porém, nós determinaremos a resposta que o organismo deverá emitir para conseguir o efeito de matar a sede.

Colocamos então nosso ratinho na “caixa de Skinner” (veja figura), onde ele encontrará apenas uma barra, que, quando pressionada, aciona um mecanismo (camuflado para o ratinho) que faz com que uma pequena haste traga à caixa uma gota de água.



“Caixa de Skinner”

Que resposta esperamos do nosso ratinho? Que pressione a barra. Como isto ocorre pela primeira vez? Por acaso, por mero acidente, o ratinho, na exploração da caixa, encosta na barra, faz surgir pela primeira vez a gotinha de água, que é lambida devido à sede. Para saciá-la, ele continuará buscando a água e irá repetir o seu comportamento até que o ato de pressionar a barra esteja associado ao aparecimento da água.

Neste caso, do condicionamento operante, o que propicia a aprendizagem dos comportamentos é a ação do organismo sobre o meio e o efeito resultante, no sentido de satisfazer-lhe alguma necessidade, ou seja, a relação que se estabelece entre uma **ação** e seu **efeito**.

Este condicionamento operante pode ser representado da seguinte maneira: $R \rightarrow S$, onde **R** é a resposta (pressionar a barra), a flecha significa “leva a” e **S** é o estímulo reforçador (a água), que tanto interessa ao organismo.

Esse estímulo reforçador é chamado de **reforço**. E é mantido o termo **estímulo**, por ser ele o responsável pela ação, apesar de ocorrer depois do comportamento. Assim, agimos ou operamos sobre o mundo em função das consequências que nossa ação cria. O estímulo de nossa ação está em suas consequências.

Pense no aprendizado de um instrumento. Nós o tocamos para ouvir seu som. Ou, outros exemplos, como dançar para estar próximo do corpo do outro, mexer com a garotinha para receber seu olhar, abrir uma janela para que entre a luz.

... agimos
sobre o mundo
em função das
consequências
que nossa
ação cria.

Reforço

O reforço pode ser positivo ou negativo.

O **reforço positivo** é aquele que, quando apresentado, atua para fortalecer o comportamento que o precede, como já afirmamos acima.

O **reforço negativo** é aquele que fortalece a resposta que o remove.

Assim, poderíamos voltar à nossa caixa de Skinner, que agora, em vez de gotas de água, terá um choque no assoalho, que poderá ser removido pela pressão da barra. Após tentativas de evitar o choque, o ratinho chega à barra e a pressiona (por acaso, como da outra vez). O choque desaparece. Aos poucos, o bater na barra estará associado com o desaparecimento do choque. Este condicionamento dá-se por reforçamento negativo. É condicionamento porque é aprendizagem, é reforça-

mento porque um comportamento é emitido e aumentado em sua frequência por obter um efeito desejado.

O reforçamento positivo oferece alguma coisa ao organismo; o negativo permite a retirada de algo indesejável.

Extinção

Assim como podemos instalar comportamentos, podemos “descondicionar uma resposta”. Skinner trabalhou nesse processo de eliminação dos comportamentos indesejáveis ou inadequados e denominou-o **extinção**.

O salto do condicionamento operante para a extinção foi curto. Se é o reforço ou o efeito que mantém um comportamento operante, com certeza a **ausência desse reforço** fará desaparecer a resposta.

Deixamos então de paquerar uma menina, quando, depois de várias investidas, ela nem nos dirige o olhar, ignora-nos.

Outra forma de extinção do comportamento é a chamada **punição**. A extinção pela suspensão do reforço é uma maneira demorada de “eliminar” uma resposta. Quando se trata de eliminar um comportamento muito inadequado e que possa trazer perigo ao próprio organismo, é preciso usar uma técnica mais eficiente. Sabendo que todo organismo tende a fugir de estímulos aversivos, indesejáveis, é possível dosar a intensidade desses estímulos, para, sem agredir o organismo, desestimulá-lo a continuar emitindo uma determinada resposta.



Exemplo de extinção de comportamento animal por punição.

Charles M. Schulz. *Snoopy, você é um barato!* Rio de Janeiro, Artenova, 1972. v. 6

Se você retornar um pouco no tempo, na história de sua vida, lembrar-se-á das palmadas e dos castigos que recebeu de seus pais, quando emitia um comportamento indesejável. Essas palmadas e castigos eram punições e tendiam a levar ao desaparecimento do comportamento.

É preciso um certo cuidado para não confundir o reforçamento negativo com a punição. No caso do reforçamento negativo, um comportamento está sendo **instalado** para evitar um estímulo desagradável; no caso da punição, um determinado comportamento estará sendo **eliminado** através da emissão de um estímulo aversivo.

Assim, nosso ratinho, que havia aprendido a bater na barra para obter a água (reforçamento positivo) e em seguida aprendeu a bater nela para eliminar o choque (reforçamento negativo), poderá agora ter seu comportamento de bater na barra eliminado se, cada vez que fizer isso, liberarmos um choque (punição) ou, ainda, se nunca mais lhe for apresentada a gotinha de água (suspensão do reforço).

Generalização

Este conceito completa a nossa compreensão da teoria do reforço como uma teoria de aprendizagem.

Quando estamos treinados para emitir uma determinada resposta em dada situação, poderemos emitir esta mesma resposta em situações onde percebemos uma semelhança entre os estímulos. Quando percebemos a semelhança entre estímulos e os aglutinamos em classes, estamos usando nossa capacidade de generalizar. Ou seja, uma capacidade de responder de forma semelhante a situações que percebemos como semelhantes.

Esse princípio da generalização é **fundamental** quando pensamos na aprendizagem escolar. Nós aprendemos na escola alguns conceitos básicos, a fazer contas e a escrever certas palavras. Graças à generalização, podemos transferir esses aprendizados para diferentes situações, como dar troco ou recebê-lo numa compra, escrever uma carta para a namorada distante e aplicar conceitos da Física para consertar aparelhos eletrodomésticos.

Na vida cotidiana, também aprendemos a nos comportar em diferentes situações sociais, dada a nossa capacidade de generalização no aprendizado das regras e normas sociais.

E aqui vale a pena falar de uma outra capacidade que temos, importante tanto no aprendizado escolar quanto no aprendizado social: a discriminação.

Graças à generalização, podemos transferir esses aprendizados para diferentes situações, como escrever uma carta para a namorada distante.

... as festas
podem ser
diferentes: mais
informais;
familiares;
pomposas, em
casa do
patrão de seu
pai.

Discriminação

Se a generalização é a capacidade de perceber semelhanças entre estímulos e responder de maneira semelhante ou igual a todos eles, a **discriminação** é o processo inverso, é a capacidade que temos de perceber diferenças entre estímulos e responder diferentemente a cada um deles.

Poderíamos aqui pensar no aprendizado social. Há, por exemplo, normas e regras de conduta para festas: cumprimentar os presentes, ser gentil, procurar manter diálogo com as pessoas, agradecer e elogiar a dona da casa. No entanto, as festas podem ser diferentes: mais informais; familiares; pomposas, em casa do patrão de seu pai. Somos então capazes de discriminar esses diferentes estímulos e de nos comportarmos de maneira diferente em cada uma das situações.

BEHAVIORISMO: SUA APLICAÇÃO

A principal área de aplicação dos conceitos apresentados tem sido a educação (veja capítulo 7). São conhecidos os métodos de ensino programado e o controle e organização das situações de aprendizagem, bem como a elaboração de uma tecnologia de ensino.

Entretanto outras áreas também têm recebido a contribuição das técnicas e conceitos desenvolvidos pelo Behaviorismo, como a área de treinamento de empresas, a clínica psicológica, o trabalho educativo de crianças excepcionais, a publicidade e outros mais.

Na verdade, a análise experimental do comportamento pode auxiliar-nos a descrever nossos comportamentos em qualquer situação, ajudando-nos a modificá-los.



TEXTO COMPLEMENTAR

O problema do controle

Há certas regras empíricas de acordo com as quais o comportamento humano vem sendo controlado há muito tempo e que constituem uma espécie de arte pré-científica. O estudo científico do comportamento alcançou o ponto em que pode proporcionar técnicas adicionais. Na medida em que os métodos da ciência

cia, continuarem a ser aplicados ao comportamento, poderemos esperar que as contribuições técnicas se multipliquem rapidamente. Se pudermos julgar a partir da aplicação da ciência em outros problemas práticos, o efeito sobre os assuntos humanos será tremendo.

Não temos nenhuma garantia de que o poder assim gerado será usado para aquilo que agora parece ser o melhor dos interesses da humanidade. Como o demonstra limpidamente a tecnologia da guerra moderna, os cientistas não têm sido capazes de evitar que o uso de suas descobertas se faça em modos que estão longe dos propósitos originais da ciência. Uma ciência do comportamento não contém em si mesma quaisquer meios de controlar o uso para o qual suas contribuições serão dirigidas. (...) Na Alemanha nazista os resultados de uma ciência mais exata foram aplicados para interesses similarmente restritos. Poderá isso ser evitado? Devemos continuar a desenvolver uma ciência do comportamento sem ligar para o uso que dela se fará? Se não, a quem deve ser delegado o uso do controle que ela gera?

Não é apenas uma questão intrigante, é assustadora; pois há uma boa razão para temer aqueles que, com maior probabilidade, usurparão o controle. Winston Churchill uma vez respondeu a uma sugestão de que a ciência eventualmente seria capaz de "controlar com precisão os pensamentos dos homens" dizendo: "Ficarei muito contente se minha tarefa neste mundo terminar antes que isso aconteça". Entretanto, esta não é uma disposição inteiramente satisfatória do problema. Outros tipos de soluções podem ser classificados sob quatro títulos gerais.

Negação de controle. Uma solução proposta é insistir em que o homem é um agente livre e eternamente além do alcance das técnicas controladoras. Aparentemente já não é possível buscar refúgio nessa crença. (...)

Todos nós controlamos, e somos todos controlados. À medida que o comportamento for mais profundamente analisado, o controle virá a ser mais eficaz. Mais cedo ou mais tarde o problema deverá ser encarado.

Recusa do controle. Uma solução alternativa é a rejeição deliberada da oportunidade para controlar. O melhor exemplo disso vem da psicoterapia. Muitas vezes o terapeuta tem consciência de seu poder sobre o indivíduo que vem a ele em busca de auxílio. (...)

A solução de Rogers é diminuir ao máximo o contato entre paciente e terapeuta a ponto de que o controle parece ter desaparecido. (...)

Entretanto, recusar-se a aceitar o controle é meramente deixar o controle em outras mãos. (...)

Recusar-se a exercer controle e deixá-lo assim para outras fontes, muitas vezes tem o efeito de diversificá-lo. (...)

3) Diversificação do controle. Uma solução particularmente óbvia é distribuir o controle do comportamento humano entre muitas agências* que tenham tão pouco em comum que não seja provável que se juntem em uma unidade despótica. Em geral este é o argumento em favor da democracia e contra o totalitarismo. Em um estado totalitário todas as agências são colocadas sob o controle de uma única superagência. (...)

Freqüentemente se diz que uma agência unificada é mais capaz, mas isso dificulta ainda mais a busca de uma solução para o problema do controle. É a ineficácia das agências diversificadas que oferece alguma garantia contra o uso despótico do poder. (...)

Até onde as forças que se opõem mantêm um certo equilíbrio, evita-se a exploração excessiva por qualquer das agências. Isso não significa que o controle nunca seja abusado. (...)

Para aqueles que temem o abuso de uma ciência do comportamento humano esta solução sugere um progresso óbvio. Distribuído o saber científico o mais amplamente possível, obteremos alguma certeza de que não será monopolizado por nenhuma agência para seu próprio fortalecimento.

4) Controle do controle. Em outra tentativa para resolver o problema do controle dá-se a uma agência governamental o poder de limitar a medida em que o controle é exercido por indivíduos ou por outras agências. (...)

Restringe-se o controle pessoal dando ao indivíduo socorro contra "influências indevidas". (...)

B. F. Skinner. *Ciência e comportamento humano*. Trad. João Cláudio Todorov e Rodolpho Azzi. 2. ed. Brasília, Universidade de Brasília/São Paulo, FUNBEC, 1970. p. 245-8

* Por agência, o autor entende religião, educação, propaganda...



Questões

1. Quem é o fundador do Behaviorismo e quais as diferentes denominações dessa tendência teórica?
2. Qual é o objeto da Psicologia para os behavioristas e como ele é caracterizado?

3. O que significa teoria S-R?
4. Como o homem é estudado pelo Behaviorismo?
5. Qual o mais importante teórico do Behaviorismo?
6. O que é comportamento reflexo ou respondente? Dê exemplos.
7. Como pode ser condicionado o comportamento respondente? Dê exemplo.
8. O que é comportamento operante? Dê exemplos.
9. Como se condiciona o comportamento operante? Dê exemplo.
10. O que é reforçamento negativo e reforçamento positivo? Dê exemplos.
11. O que é extinção? Dê exemplo.
12. O que é punição? Dê exemplo.
13. O que é generalização? Dê exemplo.
14. O que é discriminação? Dê exemplo.

Questões para debate em grupo

1. Como você compreendeu, a partir do texto complementar, a questão do controle do comportamento humano? Como você vivencia esse controle no cotidiano?
2. A partir ainda do texto complementar, discuta as quatro alternativas que Skinner apresenta para a questão do controle do comportamento humano.
3. Pense nos diferentes professores das diversas matérias que você tem na escola. Procure identificar os procedimentos de reforçamento positivo ou negativo e punição que eles utilizam na sua prática para manter a disciplina na sala de aula.

BIBLIOGRAFIA INDICADA

Para o aluno

Sobre a análise do comportamento, existe um ótimo livro para principiantes, que utiliza o método de instrução programada para ensinar os principais conceitos da teoria S-R. Trata-se de **A análise do comportamento**, de J. G. Holland e B. F. Skinner (São Paulo, Herder/USP, 1969). Um outro livro introdutório, entretanto mais complexo que o primeiro, é o de Fred Keller, **Aprendizagem: teoria do reforço** (São Paulo, EPU, 1973).

Muito interessante para o jovem é a leitura do livro de ficção científica, de B. F. Skinner, **Walden II: uma sociedade do futuro** (São Paulo, Herder/USP, 1972), onde o autor, a partir



da concepção da análise experimental do comportamento, apresenta sua visão utópica sobre um mundo onde as contingências estariam todas controladas.

Para o professor

Indicamos dois livros que podem ajudar a aprofundar a compreensão dos conceitos: **Princípios elementares do comportamento**, de D. L. Whaley e R. W. Malott (São Paulo, EPU, 1980), e **Princípios de Psicologia**, de F. S. Keller e W. N. Schoenfeld (São Paulo, Herder/USP, 1970). Sem dúvida, os livros mais interessantes são os do próprio Skinner, pois, além dos conceitos, o autor desenvolve reflexões sobre o controle, o papel da ciência, o mundo interno do indivíduo. Indicamos: **Ciência e comportamento humano**, de B. F. Skinner (Brasília, Universidade de Brasília, São Paulo, FUNBEC, 1970), na seção I, apresenta a discussão sobre a possibilidade de a ciência ajudar na resolução de problemas que a sociedade enfrenta; na seção II, os principais conceitos; na seção III, o indivíduo como um todo; na seção IV, o comportamento das pessoas em grupo; na seção V, as agências controladoras do comportamento e, na última, a discussão sobre o controle; e o livro **Sobre o Behaviorismo**, de B. F. Skinner (São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1982), em que o autor retoma a questão do mundo interior ao indivíduo, a questão do controle e apresenta discussões e análises sobre alguns comportamentos, como perceber, falar, pensar, conhecer.



FILMES INDICADOS

Meu tio da América. Direção Alain Resnais (França, 1980)

O filme apresenta a relação entre a tese de um biólogo comportamentalista e o conflito vivido por pessoas de diferentes níveis sociais.

CAPÍTULO 4

A GESTALT

A PSICOLOGIA DA FORMA

4 **Psicologia da Gestalt** é uma das tendências teóricas mais coerentes e coesas da história da Psicologia. Seus articuladores preocuparam-se em construir não só uma teoria consistente, mas também uma base metodológica forte, que garantisse a consistência teórica.

Gestalt é um termo alemão de difícil tradução. O termo mais próximo em português seria **forma** ou **configuração**, que não é utilizado, por não corresponder exatamente ao seu real significado em Psicologia.

Como já vimos no capítulo 2, no final do século passado muitos estudiosos procuravam compreender o fenômeno psicológico em seus aspectos naturais (principalmente no sentido da mensurabilidade). A Psicofísica estava em voga.

Ernst Mach (1838-1916), físico, e Christian von Ehrenfels (1859-1932), filósofo e psicólogo, desenvolviam uma psicofísica com estudos sobre as sensações (o dado psicológico) de espaço-forma e tempo-forma (o dado físico) e podem ser considerados como os mais diretos antecessores da Psicologia da Gestalt.

Max Wertheimer (1880-1943), Wolfgang Köhler (1887-1967) e Kurt Koffka (1886-1941), baseados nos estudos psicofísicos que relacionaram a forma e sua percepção, construíram a base de uma teoria eminentemente psicológica.

Eles iniciaram seus estudos pela percepção e sensação do movimento. Os gestaltistas estavam preocupados em compreender quais os processos psicológicos envolvidos na ilusão de ótica, quando o estímulo físico é percebido pelo sujeito como uma **forma** diferente da que ele tem na realidade.

É o caso do cinema. Quem já viu uma fita cinematográfica sabe que ela é composta de fotogramas estáticos. O movimento que vemos na tela é uma ilusão de ótica causada pela pós-imagem

É o caso do cinema. O movimento que vemos na tela é uma ilusão de ótica causada pela pós-imagem retiniana.